

Rosemberg admite a existência de diferenças entre o Brasil e o Fundo

BRASÍLIA — O Assessor Econômico do Presidente José Sarney, Luís Paulo Rosemberg, admitiu ontem a existência de divergências entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Explicou que o principal ponto de discórdia refere-se à necessidade de medidas recessivas para o ajustamento da economia: enquanto o Governo brasileiro não abre mão de conseguir um crescimento de 5,5 por cento este ano, o FMI está mais preocupado com o controle da inflação, a qualquer custo.

Em entrevista coletiva, Rosemberg afirmou que o Fundo gostaria de um esforço maior do Governo para reduzir o déficit público mas a seu ver, isso não caracteriza uma situação de impasse. O assessor não considera adequado o termo endurecimento para classificar a posição

brasileira em defesa do crescimento econômico.

Rosemberg não acredita na assinatura do acordo com o FMI em menos de 15 dias e previu que, até o fim da próxima semana, será possível definir um calendário para as negociações com a instituição, a partir da resposta oficial sobre o pacote do Governo.

O assessor rejeita a hipótese de que os bancos imponham unilateralmente uma cláusula que proíba novos empréstimos externos neste e nos próximos anos. Segundo ele, com condições internacionais favoráveis e taxas de juros em queda, o Brasil pode captar dinheiro novo sem aumentar sua dívida real (descontada a inflação do país credor) e não abre mão de manter aberto o acesso a esses recursos.